

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS – A GUERRA NO CINEMA (PARTE
III): PARA ALÉM DO CAMPO DE BATALHA
28 de Novembro de 2023

MADRES PARALELAS / 2021
(Mães Paralelas)

um filme de Pedro Almodóvar

Realização e Argumento: Pedro Almodóvar / Direcção de Fotografia: José Luis Alcaine / Direcção Artística: Antxon Gómez e Alejandra Loiseau / Guarda-Roupa: Paola Torres / Música: Alberto Iglesias / Som: Lucas Fernández / Montagem: Teresa Font / Interpretação: Penélope Cruz (Janis), Milena Smit (Ana), Israel Elejalde (Arturo), Aitana Sánchez-Gijón (Teresa), Rossy de Palma (Elena), Julieta Serrano (Brígida), Ainhoa Santamaria, Adelfa Calvo, etc.

Produção: El Deseo – Remotamente Films – RTVE - Sony / Produtor: Agustín Almodóvar / Cópia: digital, colorida, falada em espanhol com legendas em português / Duração: 123 minutos / Estreia em Portugal: 1 de Dezembro de 2021.

Diz-se muitas vezes, é até das coisas em que sobre ele mais se insiste, que Pedro Almodóvar é um “cineasta de mulheres”, na senda dos grandes autores de melodramas da Hollywood clássica, que ele aliás admira (Douglas Sirk à cabeça). Não é inteiramente verdade, ou não é sempre verdade, e **Madres Paralelas** até é flanqueado por dois filmes que são, muito claramente, “filmes de homens”; falamos de **Dolor y Glória**, o excelente filme anterior ao que vamos ver, e de **Strange Way of Life**, o decepcionante filme posterior, muito recentemente estreado em Portugal.

Mas é verdade, e intensamente verdade, a propósito de **Madres Paralelas**, filme completamente dominado pelas figuras femininas, e pelas figuras de maternidade representadas não só pela dupla principal (Penélope Cruz e Milena Smit) mas ainda por outras personagens, a mãe desleixada da personagem de Milena, ou as vozes das mulheres da aldeia que têm lembranças directas da Guerra Civil. A astúcia do argumento, aquele cruzamento de maternidades que faz das personagens “mães paralelas”, é bem desenvolvida, não se perde muito tempo a justificar ou explicar coisa nenhuma, tudo decorre rapidamente e duma maneira plena de convicção. É uma aproximação de Almodóvar a um fluxo de melodrama clássico, ao mesmo tipo de élan e de fôlego, e digamos que é uma aproximação bem sucedida.

Mas onde o filme se destaca, e faz sentido neste ciclo, é pela sombra da Guerra Civil. A sombra, ou as sombras, e é por lá que se começa (Janis conhece o futuro pai da filha, um arqueólogo forense, por causa disso), representadas pelos milhares de valas comuns com mortos da guerra que estão espalhadas por toda a Espanha e que nunca foram abertas, por razões políticas preocupadas com um apaziguamento da memória. Não revolver as entranhas da terra espanhola para não revolver as feridas da guerra civil. Se isto fez eventualmente sentido durante algum tempo a seguir à Transição, deixou de o fazer, e o que era “apaziguamento” tornou-se o seu contrário, inquietação. Ou, por outras palavras, o apaziguamento, para o ser, precisa agora do

contrário, precisa de revolver a terra em vez de não revolver. Esta é, “paralelamente” à história das mães, a história do filme; e “paralela” porque de facto filme a terra espanhola como um ventre, mas como um ventre que não contém vida, antes milhares de cadáveres por identificar, e sobretudo por admitir. Toda esta questão retine, de forma bastante económica (e bastante sagaz da parte de Almodóvar), sobre todo o filme, contamina a intriga principal, atribui-lhe outro tipo de dramatismo, explica um bocadinho até o tom urgente com Almodóvar narra a sua história. No fim, os arcos de ambas confluem, e é com a terra a ser finalmente revolvida que o filme termina. É uma história, a das valas, que continua além-filme, evidentemente, e é hoje uma expressão terrível de como uma guerra com quase noventa anos continua a “estar connosco”, continua presente na vida espanhola contemporânea. Filmar essa assombração, dar-lhe imagens concretas e a angústia que as acompanha: tudo coisas que singularizam **Madres Paralelas**.

Luís Miguel Oliveira